

---

## POLÍTICA E COMÉRCIO: A ATUAÇÃO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA AO LONGO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA (1835 -1845)

## POLITICS AND COMMERCE: THE ROLE OF ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA ALONG THE FARROUPILHA REVOLUTION” (1835-1845)

---

Cristiano Soares Campos  
Mestrando em História - UFSM  
cristianocalvin@hotmail.com

**RESUMO:** Este trabalho se propôs averiguar a atuação de Antonio Vicente da Fontoura, durante a Revolução Farroupilha (1835 – 1845), os postos assumidos por este comerciante ao longo do conflito, e seu retorno a política local de Cachoeira após a Revolta. A pesquisa vem sendo desenvolvida com base em bibliografias envolvendo a temática, jornais de época e documentos (correspondências) que nos ajudem a “rastrear” as ações do personagem. Veremos neste artigo como Vicente da Fontoura, comerciante da região de Cachoeira, inseriu-se à Revolução Farroupilha seja ela por sua posição econômico-social, pelo interesse dos Farroupilhas, ou por possuir interesses pessoais na participação do conflito. Atualmente como Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM), Bolsista FAPERGS/CAPES, continuo pesquisando Antonio Vicente da Fontoura juntamente com Domingos José de Almeida, averiguando a atuação comercial destes na Fronteira Platina entre 1830 a 1850. Meu orientador é o Professor Doutor José Iran Ribeiro.

**PALAVRAS CHAVE:** Revolução Farroupilha. Antonio Vicente da Fontoura. Trajetória.

**ABSTRACT:** This study aimed to determine the role of Antonio Vicente da Fontoura, during the Revolution Farroupilha (1835 - 1845), the posts made by this trader throughout the conflict, and their return to local politics Cachoeira after the Revolt. The research has been developed based on bibliographies involving the theme, period newspapers and documents (letters) to help us to "track" the actions of the character. We will see in this article as Vicente da Fontoura, marketer Cachoeira region, was inserted into the Revolution Farroupilha is she in economic and social status, the interest of Farroupilhas, or have personal interests at stake in the conflict. Currently as Master's Graduate Program in the History of the Federal University of Santa Maria (PPGH-UFSM), Fellow FAPERGS/CAPES, keep researching Antonio Vicente da Fontoura together with José Domingos de Almeida, ascertaining the commercial performance of these on the Border between Platinum from 1830 to 1850. My advisor is Professor José Iran Ribeiro.

**KEYWORDS:** Farroupilha Revolution. Antonio Vicente da Fontoura. Trajectory.

## Introdução

A pesquisa em torno dos comerciantes no contexto da Guerra dos Farrapos iniciou-se ainda em minha graduação, quando participei como Bolsista FAPERGS/PROBIC de dois projetos de Iniciação Científica intitulados: “*Os farroupilhas no contexto do processo de formação e consolidação dos estados nacionais no espaço fronteiriço platino*” e “*Os conceitos de República e de Federalismo na Revolução Farroupilha (1835-1845) no contexto do processo de construção dos estados nacionais e da nação na região fronteiriça platina*”, vinculados às atividades desenvolvidas no Grupo de Pesquisa CNPq/UFSM, História Platina: “Sociedade, Poder e Instituições”, e coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Medianeira Padoin, analisando o personagem Vicente da Fontoura neste contexto.

A partir dessas pesquisas realizadas pude constatar, com base em alguns estudos sobre a Revolução Farroupilha, como os de, Dante de Laytano (1985), Helga Piccolo (1974), Maria Medianeira Padoin (1999), Letícia Rosa Marques (2010), dentre outros, a necessidade de aprofundar os estudos sobre as relações comerciais vinculadas as relações políticas, e para isto, selecionei o personagem farroupilha Antonio Vicente da Fontoura para realizar esta pesquisa.

Neste artigo demonstraremos alguns dos resultados encontrados sobre a atuação de Antonio Vicente da Fontoura durante a Revolução Farroupilha (1835 – 1845), o motivo da inserção desta classe aos exércitos farrapos, os postos assumidos por este comerciante, e qual destino tomado por estes após o final da Revolta.

A pesquisa em torno dos comerciantes neste contexto da Revolta continua sendo desenvolvida, agora no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM), contando com Bolsa FAPERGS/CAPES, onde pesquiso Antonio Vicente da Fontoura juntamente com Domingos José de Almeida, e a atuação comercial destes na Fronteira Platina entre 1830 a 1850. Meu orientador é o Professor Doutor José Iran Ribeiro.

## Século XIX: O Espaço Fronteiriço Platino, a Fronteira e o Comércio entre Rio-grandenses e vizinhos Platinos.

Na década de 1835–1845, na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, ocorreu aquela que seria a mais longa revolta do Período Regencial, a Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha. O século XIX, período em que se desenvolve esta Revolta, possui como principal característica a estruturação dos Estados Nacionais modernos na América Latina. Neste momento histórico as colônias portuguesas e espanholas, existentes em quase todo Continente americano, foram locais de transformações políticas e econômicas marcadas por conflitos e guerras civis nas disputas pelos territórios e nas disputas de poder. Para entendermos a Revolução Farroupilha, e as influências que esta sofreu, é necessário caracterizarmos o espaço fronteiriço platino.

Segundo Padoin (1999), A Revolução Farroupilha ocorrida na então Província de São Pedro pertencente ao território conhecido dentro da historiografia como “espaço fronteiriço platino”, espaço este que durante o final do século XVIII e século XIX possui como característica disputas entre os Reinos de Portugal e Espanha. Devido à influência de ideias trazidos da Europa, o espaço fronteiriço Platino além de um território de disputas tornou-se um território de formação de mentalidades e de lutas movidas por interesses particulares entre as elites locais e regionais, como por exemplo, a Revolução Farroupilha.

As disputas de território, dentro do espaço fronteiriço platino, pelos impérios de Portugal e Espanha tinham dentre seus objetivos a demarcação dos limites em suas colônias além de buscar uma maior influência nestes territórios.

Os grupos dirigentes mostraram especial atenção à definição das fronteiras – internas e externas – com o objetivo de se imporem frente a seus vizinhos e conquistarem hegemonia regional, ao mesmo tempo em que exploravam recursos naturais, que lhes permitiram ampliar suas bases econômicas. (LOPES; ORTELLI, 2006. p. 22).

Desde o final do século XVIII fica evidente que a região fronteiriça platina se tornou um território de constantes disputas que envolviam Portugal e Espanha, sendo primeiro território espanhol e depois sendo conquistado pelos portugueses, como depois pelo Império do Brasil e as províncias do Rio da Prata, ou seja, entre Brasil, Confederação Argentina, Uruguai e Paraguai, além de disputas “locais” pela disputa do poder intra-elites provinciais ou

entre elites das províncias, (PADOIN, 2001). O espaço fronteiriço platino é composto por diferentes “fronteiras” e é esse conceito que vamos caracterizar agora.

Entendemos, para esta pesquisa, que o conceito de Fronteira tem recebido atenção especial na historiografia nos últimos anos. Atualmente, o conceito de fronteira que utilizamos vem de encontro com a ideia de entender esta como um espaço socialmente construído, com características e dinâmicas próprias, abandonando a perspectiva de que a fronteira apenas enfatiza o conflito e a violência.

As complexas e variadas relações que se desenvolvem em tal espaço tem sido analisadas a partir da ótica social que compreende um extenso leque de manifestações, tais como as relações intra e interétnicas, os processos de mestiçagem, de etno-gênese, os intercâmbios econômicos e culturais entre outros. (LOPES; ORTELLI, 2006. p.13).

A fronteira no século XIX, ao qual desenvolvemos nossos estudos, transcende o que hoje conhecemos como limites políticos, no caso dos farroupilhas a fronteira no século XIX pode ser caracterizada se estendendo até onde iam seus interesses econômicos, o comércio e suas influências, não se restringindo aos limites políticos. Essa fronteira demonstra uma integração mais acentuada entre rio-grandenses e uruguaios ou argentinos devido à questão comercial e política, pois muitos rio-grandenses possuíam terras e bens na Banda Oriental.

Devido ao trânsito existente na região do espaço fronteiriço platino através destas fronteiras era comum à utilização de portos vizinhos pelos comerciantes farroupilhas.

Bem conhecidos eram os fatores que atraíam para o porto de Montevidéu a produção da fronteira “gaúcha”, em lugar da utilização do porto de seu próprio estado: as charqueadas e os frigoríficos da fronteira levavam menor tempo em fazer chegar a sua produção a Montevidéu do que ao porto de Rio Grande e, além do frete ferroviário ser menor, os impostos e gastos suplementares que oneravam as exportações pelo porto gaúcho eram evitados. Além disso, o volume e abundância de cargas maiores no porto de Montevidéu tornavam os seus fretes marítimos mais baratos do que os do porto de Rio Grande. (VASCONCELLOS, 1929, p. 277).

Os negociantes das praças fronteiriças, em geral, efetuavam suas compras em Montevidéu onde possuíam suas ligações e crédito aberto, o que demonstra novamente a

integração existente entre os vizinhos uruguaios e rio-grandenses. As mercadorias adquiridas pelos comerciantes apresentavam vantagens de preços e acondicionamento melhores do que as adquiridas nas praças comerciais de Rio Grande e de Porto Alegre, (SOUZA, 2008).

A elite rio-grandense, ao qual Vicente da Fontoura estava inserido, soube muito bem utilizar-se destas fronteiras presentes no espaço fronteiriço platino, para desenvolver suas atividades comerciais, aumentar suas posses (terras e gado) e expandir suas redes de comércio.

Segundo Padoin (2001), devemos considerar que esta elite rio-grandense era formada também por pessoas oriundas de outras províncias e países, que por vínculos econômicos e / ou de trabalho, por laços maçônicos e políticos ideológicos vieram para essa Província e aqui formaram um grupo social. Essa elite era conhecedora dos ideais liberais e dos direitos e garantias proclamados pelos Direitos das Gentes e pelo liberalismo.

Padoin (2001) ainda faz mais algumas considerações sobre esta elite:

- nem todo “rio-grandense foi farroupilha”. Havia o grupo que estava ao lado das forças imperiais, que agregavam também elementos de todos os setores sociais do Rio Grande do Sul;
- nem toda a elite farroupilha possuía os mesmos ideais políticos, especialmente no que tange a formação de um estado republicano, separado e independente do Brasil. (p. 78).

O segundo item levantado pela autora fica evidente quando há uma divisão dentro desta elite devido a divergências de ideias políticas, o que colocaria antigos “companheiros” frente a frente num embate ideológico sobre a formação de um Estado Republicano.

A divisão do grupo da elite farroupilha (composta por membros farroupilhas) fica evidente a partir da Assembleia Constituinte de 1842, quando ocorre a divisão entre a “Maioria” e “Minoria”. Segundo o trabalho de Padoin (2001), o grupo “grupo da Maioria”, era representado por Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto, José Domingos de Almeida, Mariano de Matos, entre outros, e o “grupo da Minoria”, de David Canabarro e Vicente da Fontoura. Estes dois grupos diferenciam-se especialmente quanto ao entendimento do Federalismo e assim da proposta de estado para o Brasil.

Segundo Padoin (2001), o federalismo proclamado por Bento Gonçalves da Silva e seu grupo, grupo da Maioria, era fundamentado no Direito das Gentes e nos ideais liberais,

proclamados nas sociedades secretas de então, propunham um projeto de um Novo Estado, ou seja, um estado soberano, independente e republicano – a República Rio-Grandense, admitindo federarem-se ao Brasil, desde que a condição de Estado independente e soberano fosse mantida.

O grupo da Minoria, liderado por Vicente da Fontoura, desejava que as reformas para a autonomia da Província, num sistema monárquico ou republicano sem, necessariamente, sua separação do Brasil. Esse grupo assumiu o controle da revolução já em seu final, a partir de 1843, negociando o processo de paz com o Império, (PADOIN, 2001).

Entender o espaço fronteiriço platino, a fronteira, a importância do comércio nestas localidades e de que maneira a elite farroupilha se utilizou deste local, são passos iniciais fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

### **De comerciante à líder Farroupilha: A ascensão comercial e a participação de Vicente da Fontoura na Revolução Farroupilha**

Como vimos no anteriormente, Vicente da Fontoura teve um importante papel frente à Revolução Farroupilha chegando ao posto de líder do grupo da Minoria, sendo assim, trabalharemos agora de que forma estes comerciantes ascendeu socialmente e politicamente até galgar os postos mais altos dos exércitos farroupilhas.

Antônio Vicente da Fontoura, nasceu em 8 de Janeiro de 1807, em Rio Pardo, que de acordo com uma estatística de 1814, era um dos centros mais populosos do território Rio-grandense, contava 10.445 habitantes, enquanto Cachoeira, Rio Grande e Porto Alegre número bem inferior a este, (ANTUNES,1935).

Entre as famílias que moravam em Rio Pardo, naquele tempo, uma das famílias de maior prestígio na região era a do agrimensor Euzébio Manuel Antônio, casado com D<sup>a</sup> Vicência Cândida da Fontoura. Este agrimensor era filho do transmuntano – o português Crisônio Gonçalves, casado com uma lisboeta d<sup>a</sup> Brígida Ignacia. Sua esposa, D<sup>a</sup> Cândida, porém, era filha do mato-grossense João Peixoto de Azevedo e de uma rio-pardense d<sup>a</sup> Jeronyma Velloso da Fontoura. Desse matrimônio nasceu Antônio Vicente da Fontoura.

No contexto histórico do período em análise, o termo “família” diferia do conceito ao qual estamos habituados hoje, segundo Mota (2012):

O termo “família” compreendia um grupo que ia além da consanguinidade e coabitação, podendo abranger membros de outras famílias, sugerindo “relações rituais, como as de compadrio, ou de aliança política”. Alianças tecidas em torno de um “chefe de família”. Permeando estas relações estavam os laços de parentesco. (p. 41).

Essa relação de família entrelaçada com as alianças políticas é bastante evidente no caso de Antonio Vicente da Fontoura, que ao retornar para Cachoeira após a Revolução Farroupilha junto a seu cunhado Portinho serão responsáveis pelo Partido Luzia (Liberal).

A relação entre Vicente da Fontoura e o comércio iniciou-se ainda muito cedo, por volta dos 15 anos, quando é mandado pela família para trabalhar em uma casa de secos e molhados na região de Cachoeira. A importância desta região nos meados dos oitocentos com certeza foi um dos fatores que favoreceu a ascensão comercial de Antônio Vicente da Fontoura. Segundo Fagundes (2009) a importância da região de Cachoeira está ligada a sua localização geográfica estratégica, com a presença da bacia hidrográfica do Jacuí que possibilitava o deslocamento de mercadorias e de pessoas com facilidade.

Para um comerciante, o fato de Cachoeira ser banhada por um importante rio, o Jacuí, possuindo ligação direta com a Lagoa dos Patos, que, por sua vez, liga-se ao porto de Rio Grande, é um fator a ser relevado, levando-se em consideração que esta conexão fluvial possibilitou um elo entre o centro da Província e a planície litorânea, por onde se espalhavam as primeiras formas de ocupação dos campos de Viamão, além de Porto Alegre e arredores, sendo um ponto no comércio marítimo no período. Segundo Fagundes (2009, p.21), “pelo rio Jacuí e seus afluentes deu-se a penetração e ocupação efetiva no sentido leste/oeste do Rio Grande do Sul ao longo do século XIX”.

O comércio dentre tantas ligações envolvia zona rural e zona urbana, entre centros administrativos e/ou portos da Província. Nesse contexto os comerciantes eram os intermediários dos criadores de gado e dos charqueadores e, devido aos seus interesses e negócios, transitavam pela fronteira, o que lhes trazia benefícios e até mesmo a propriedade de terras na região da Banda Oriental.

Antônio Vicente da Fontoura demorou alguns anos para estabilizar-se frente ao comércio da região, e iniciou-se na vida política em 1830, quando elegeu-se vereador de Cachoeira pelo Partido Liberal. Em 1831, foi nomeado procurador fiscal da Câmara Municipal, (ROSA, 1935). O ano de 1831 é marcante na política brasileira, pois neste momento o Imperador D. Pedro I abdica do trono brasileiro, em favor de seu filho D. Pedro de Alcântara, futuro D. Pedro II, esta decisão vem a surtir consequências em todo território nacional.

A abdicação de D. Pedro I é o ato marcou a historiografia como o fim do Primeiro Reinado e o início do período que viria a eclodir a Revolução Farroupilha, o Período Regencial. A abdicação de D. Pedro I trouxe consequências diretas a Vicente da Fontoura, pois este ato acirrou mais rivalidade entre os brasileiros e os portugueses, tornando os pleitos ainda mais concorridos. Segundo Antunes (1935), essa rivalidade tomou proporções tão grandes ao ponto de Antonio Vicente da Fontoura em determinadas situações ter de omitir seu sobrenome:

Consta que Fontoura ocultou o nome da família, porque a mesma era de origem portuguesa e, naquele tempo, os “caramurús” ou “pés de chumbo”, eram odiados e tinham o repúdio de todos os bons patriotas, entre os quais intervia-se Fontoura. (ANTUNES, 1935. p. 15).

A ascensão política de Vicente da Fontoura se deu de forma bastante dinâmica, já em 1832, segundo Flores (2008), Vicente da Fontoura viria a receber a patente de Capitão, da recém-criada Guarda Nacional, sendo promovido poucos meses depois a Major da Guarda Nacional. Neste mesmo período Vicente da Fontoura foi reeleito Vereador em Cachoeira, exercendo concomitantemente as funções de Juiz de Paz e de Juiz Ordinário, este, que seria o cargo que Fontoura estava quando eclodiu a Revolta.

Para compreendermos melhor o contexto em que se inicia a Revolução Farroupilha (1835-1845) é necessário vê-la como o resultado das relações sociais existentes no espaço fronteiriço platino, que aspiravam ao domínio do espaço de poder local/municipal, regional e nacional.

No ano de 1835, na província do Rio Grande de São Pedro, um grupo da elite rio-grandense articulou uma revolta contra as autoridades representativas do Império brasileiro, e aos poucos, com justificativas que atendiam a situação econômica da Província e com

propostas políticas ligadas à República e ao Federalismo conquistaram grande parte dos municípios rio-grandenses, a partir da tática de guerrilha e das relações sociais estabelecidas com autoridades ligadas ao poder local, separando-os do Brasil e denominando essas Províncias de “República Rio-grandense”.

A Revolução Farroupilha, de caráter separatista, influenciou movimentos que ocorreram concomitantemente em outras províncias brasileiras, e também sofreu influências, inspirando-se na recém-findada guerra de independência do Uruguai (declarada em 1825 e reconhecida em 1828), mantendo conexões com a nova República do Rio da Prata, além de províncias independentes argentinas, como Corrientes e Santa Fé. A revolta chegou a expandir-se a outras partes do território brasileiro, como para Laguna, com a proclamação da República Juliana.

Sobre o grupo os quais os Farrapos compunham, Padoin (2001) destaca que estes eram um grupo homogêneo quanto a sua composição, sendo “formado não só por estancieiros, militares, charqueadores, comerciantes, sacerdotes, que pertenciam à elite farroupilha, mas também por soldados, muitos deles negros e mulatos”, que foram considerados por Raul Carrion (2005, p.7) a “Tropa de choque do exército farroupilha”, onde estes acabaram pagando “com o serviço militar a liberdade do cativo” (GUAZZELLI, 2005, p.2-3).

Analisando a participação, frente à Revolução Farroupilha, de Comerciantes e Estancieiros, observamos que esta se deu por possuírem terras e gados e/ou por serem grandes negociantes, como no caso de Antonio Vicente da Fontoura. Podemos analisar o significado dessa condição no que a historiadora Sandra Pesavento (1985), chamou de “*inserção de classe*”, ao se referir ao General Bento Gonçalves “*como integrante da camada dominante rio-grandense, que tinha seus interesses ligados ao gado, à terra e aos escravos*”, (PESAVENTO, 1985, p.48).

Segundo Fagundes (2009), a participação de comerciantes se deu devido a uma necessidade do exército farroupilha ter a seu lado estes grandes proprietários, pois estes possuíam condições de se armar com financiamento próprio e também arregimentar homens nos períodos críticos de guerra para a proteção do espaço, com um batalhão de soldados formado de homens que tinham de comprar, além do armamento, a farda e prover o seu sustento.

Não devemos achar que os Estancieiros e Comerciantes foram inseridos à Revolução Farroupilha apenas por interesses dos líderes Farroupilhas, devemos observar, segundo Fagundes (2009, p. 38):

[...] estancieiros e comerciantes viam-se contrariados em seus interesses econômicos pela política imperial, que prejudicava os negócios da indústria charqueadora ao facilitar a entrada da produção dos saladeiros argentinos e uruguaios a preços menores.

Como escreveu Spencer Leitman (1979, p.102), os comerciantes e estancieiros “se tornaram porta-vozes das reivindicações políticas e econômicas da Província” e as “forças políticas eram centristas e separatistas”.

A primeira incursão de destaque de Antonio Vicente da Fontoura frente à Revolução Farroupilha teria como palco justamente a terra natal do mesmo, a região de Rio Pardo. Em Rio Pardo, José Joaquim de Andrade Neves, que mais tarde ficaria conhecido como Barão do Triunfo, então Major Imperialista, reuniu imediatamente seus correligionários numa tentativa de eliminar os Farroupilhas que buscavam o domínio político da região. No dia 26 de Setembro, de Cachoeira, partiu Antonio Vicente da Fontoura a frente de duzentos Guardas Nacionais, tendo como demais companheiros e comandantes, Gaspar Francisco Gonçalves e Manduca Carvalho, iam auxiliar aos Liberais da região de Rio Pardo.

A batalha entre o exército de Vicente da Fontoura e Andrade Neves durou de 29 de setembro à 3 de outubro, com vitória de Antonio Vicente da Fontoura, porém, não podemos deixar de salientar que este conflito não teve maiores consequências devido a uma intervenção “amigável” de Bento Gonçalves, fazendo com que Andrade Neves renunciasse seu cargo e retirar-se da região.

Segundo Antunes (1835), após este episódio foi cada vez mais crescente a importância e a influência de Antonio Vicente da Fontoura na região de Cachoeira, e aos líderes da Revolução Farroupilha, prova disso é que João de Araújo Ribeiro, Governador da Província, e Bento Manoel procuraram seu apoio por estes terem ficado contra a Assembleia Provincial que não reconheceu a Autoridade de Ribeiro, tendo em vista que este tomou posse de seu cargo ilegalmente, isto é, perante a Câmara Municipal, quando deveria fazê-lo perante a Assembleia.

Para ambos Antonio Vicente da Fontoura deu uma resposta negativa, explanando seus ideais políticos e colocando-se ao lado da Assembleia e de Bento Gonçalves. Solidificado cada vez mais seu prestígio na região de Cachoeira, Antonio Vicente da Fontoura foi nomeado correspondente, do “O Mensageiro”, jornal da Revolução.

Pouco tempo depois, mais precisamente em 14 de dezembro de 1835, o Dr. Marciano Pereira Ribeiro, então Vice-Presidente da Província, mandaria um ofício a Vicente da Fontoura nomeando-o Major. No dia 3 de fevereiro de 1836, Vicente da Fontoura perante uma sessão extraordinária da Câmara Municipal de Cachoeira, prestaria juramento de seu novo cargo, passando agora a ser Major de Legião.

Os primeiros meses de Vicente da Fontoura frente ao cargo de Major de Legião foram de trabalho incessante, reunindo e disciplinando seus homens, recrutas, e pondo seus chefes a par dos movimentos de Bento Manoel, que continuava sendo um inimigo perigoso às pretensões farroupilhas. Depois dos acontecimentos em que Vicente da Fontoura foi personagem ativo, desde abril de 1836, vamos encontrá-lo até o fim de 1837, viajando a diversas localidades como Cachoeira, Caçapava, Piratini, São Gabriel, Rio Pardo.

Em novembro de 1836, foram eleitos pelos Republicanos os homens que deveriam governar o novo Estado. Dessa eleição saíram vitoriosos os nomes de Bento Gonçalves para Presidente e de Antonio Paulo da Fontoura, parente próximo de Vicente da Fontoura, para a Vice-presidência, sendo ao mesmo tempo organizado o Ministério dos Farrapos. Vicente da Fontoura possuía outros parentes, além de Antonio Paulo, faziam parte dos farrapos seu cunhado, José Gomes Portinho e seu primo, Fructuoso Borges da Fontoura.

Os Farroupilhas eleitos logo enfrentariam problemas com seus adversários, dias depois das eleições, ocorridas ainda em novembro de 1836, é expedida uma ordem de prisão contra Vicente da Fontoura e os demais defensores dos ideais farroupilhas, essa ordem é expedida pelo então Juiz de Paz de Porto Alegre, Manoel José da Câmara, que colocava Vicente da Fontoura como um dos principais líderes da Revolução Farroupilha. A ordem de Manoel José da Câmara consistia em prender os principais líderes da Revolução Farroupilha e enviá-los para uma prisão no Rio de Janeiro.

Anos mais tarde, em 1838, Antunes (1935), ocorreria um dos momentos mais importantes dos Farroupilhas ao longo da Revolução, no dia 30 de abril, os farroupilhas

conquistaram a vila legalista de Rio Pardo. Vicente da Fontoura é então nomeado Chefe da Polícia de Rio Pardo, e em junho deste ano como vereador da Câmara de Cachoeira resolveu reunir seus colegas e reiniciar os trabalhos há muito tempo suspensos devido a Revolução Farroupilha.

Segundo Antunes (1935) diversas Câmaras, nas mais variadas localidades tiveram suas atividades suspensas devido ao período de Revolução que a Província se encontrava. Vicente da Fontoura seria obrigado a renunciar ao cargo de Vereador da Câmara de Cachoeira em julho de 1838, para poder assumir o cargo de Chefe de Polícia de Rio Pardo.

O cargo de Chefe de Polícia de Rio Pardo fez com que Vicente da Fontoura se retirasse dos serviços de campanha, tendo em vista os diversos compromissos e tarefas que este cargo exigia. Em novembro do mesmo ano, foram expedidas ordens, declarando que os Coletores, Escrivães e Guardas de Coletorias, ficavam dispensados dos serviços da campanha por não poderem ser distraídos de suas funções. Vicente da Fontoura ficaria à frente do cargo de Chefe de Polícia de Rio Pardo por um ano, quando em 1839 seria transferido para Cruz Alta, onde encontramos seus registros até 1840.

Segundo Antunes (1935), o ano de 1841 seria marcado por mais um dos momentos mais importantes de nossa personagem frente à Revolução Farroupilha, neste ano Fontoura chefiou a missão diplomática da República Rio-Grandense a Montevideú, ocasião em que selou aliança entre os farroupilhas e o líder uruguaio Fructuoso Rivera, de quem Vicente da Fontoura tornaria-se amigo. Este acontecimento é importante, pois seria utilizado mais tarde pelos farroupilhas como justificativa a indicação de Vicente da Fontoura como negociador da paz com o governo central brasileiro.

Ao assumir seu novo cargo de Ministro da Fazenda, em dezembro do mesmo ano, Vicente da Fontoura iniciou suas ações promovendo o saneamento das contas da República, e concentrou verbas no esforço de guerra, em contraste com as diretrizes orçamentárias menos pragmáticas de seu antecessor, Domingos José de Almeida.

A Revolução Farroupilha via-se cercada pelas mais duras necessidades, chegou um momento em 1841, que Domingos José de Almeida (então Ministro da Fazenda), desgastado pelos compromissos exigidos pelo cargo, como por exemplo, falta de recursos e a perda de confiança naqueles que por muito tempo considerou como aliados, resolveu chamar Antonio

Vicente da Fontoura para que este o substitui-se no cargo de Ministro da Fazenda. A carta enviada por Domingos José de Almeida, datada de 18 de novembro de 1841, traz o seguinte:

“Meu Exmo. E honrado amigo Sr. Fontoura.

Bagé, 18 de novembro de 1841.

Minha paciente resignação se há esgotado, e minha honra me tem feito olhar com indiferença para o futuro que nos espera, e que eu afincadamente tenho dirigido meus esforços para afastar.

Está nomeado meu amigo para substituir-me, e por tudo quanto há sagrado lhe rogo que sem destença de momento me venha aliviar de um peso com que já não posso. A pátria assim o exige de V. Ex.<sup>a</sup> e ela é credora desse ingente sacrifício. Se V. Ex.<sup>a</sup> se escusar terá de ser acusado de um crime de que se não poderá justificar facilmente.

Deveria ser mais extenso: porém a prudência me aconselha à concisão. Cá o espera breve o Seu sincero e muito obrigado amigo”. (Coleção varela, 1978, volume 2, página 402-403).

Segundo Antunes (1935), Vicente da Fontoura não hesitou em aceitar o cargo, porém, Meses mais tarde, Vicente da Fontoura se tornaria inimigo de Domingos José de Almeida.

Porque motivo teriam ambos se inimizado? A resposta é difícil, para chegarmos a uma conclusão sobre está pergunta necessitaríamos de uma pesquisa mais aprofundada, o que se poder concluir com base nas bibliografias que trabalhamos é que tendo assumido o cargo de Ministro em setembro de 1841, em fevereiro de 1842 já acusa a Almeida, abertamente, de diversos “erros administrativos” praticados quando Ministro da Fazenda. A desaprovação de uma série não pequena de atos de seu antecessor, procurando alterná-los ou revogá-los talvez tenha sido a origem da luta de ambos.

Antonio Vicente da Fontoura sofreu dos mesmos problemas de seu antecessor Domingos de Almeida, e exausto dos compromissos exigidos por este cargo, pediu demissão um ano depois sendo substituído por Luiz José Ribeiro Barreto.

Anos antes, em fevereiro de 1840, haviam sido dadas instruções para a realização de eleições para à Assembleia Constituinte e Legislativa do Estado Farrapo, além dos diversos Municípios que integravam o novo Estado, ficando estabelecidos os números de 36 Deputados para a Assembleia, 9 vereadores para a Capital (então Caçapava) e cidades de Piratini e Pelotas, e 7 para os demais municípios. A apuração destas eleições veio a eleger Vicente da Fontoura com 2.474 votos, ficando como o 14º Deputado mais votado em um total de 36 eleitos, além de outros 18 que ficariam como suplentes.

Esta Assembleia demoraria dois anos para assumir efetivamente, em 1842, devido fato do prédio que funcionaria a mesma não ter ficado pronto antes. Depois de duas sessões preparatórias realizadas a 29 e 30 de novembro do mesmo ano, foi ela solenemente instalada em 1º de dezembro, ocasião em que compareceram à solenidade o Presidente Bento Gonçalves o qual foi responsável por abrir a sessão.

Neste momento, segundo Antunes (1935), devido a inúmeras acusações de Domingos de Almeida à Vicente da Fontoura é quando se acirram as desavenças entre estes, e fica evidente segundo o autor que de fato foram as acusações aos erros cometidos por Domingos de Almeida, que deram origem as desavenças entre ambos.

Nos anos de 1842 e 1843, já podemos observar em Vicente da Fontoura o propósito de transferir-se com a família para a República do Paraguai, desgastado pelos desgostos que lhes causavam todos os ofícios e compromissos assumidos ao longo da Revolução.

### **O retorno de Vicente de Fontoura para Cachoeira, e para a Política Local.**

Nos últimos anos da Revolução Farroupilha, com base nos escritos de Vicente da Fontoura, era evidente o desejo deste em voltar para Cachoeira e aproveitar o resto de seus dias com sua família e cuidando de seus negócios, porém, os últimos anos do conflito ainda lhe reservavam importantes tarefas.

No dia 2 de novembro de 1844, David Canabarro reúne-se com Vicente da Fontoura para dizer-lhe que o Presidente da Província desejava que ele fosse ao Rio de Janeiro com o intuito de dar seguimento às negociações de Paz. Esta indicação é descrita pelo próprio Antonio Vicente da Fontoura em seu Diário (1984):

Passo real do Jaguarão, no Menezes, 3 de Novembro de 1844.

Ontem, logo depois do toque de alvorada, mandou o General Canabarro chamar-me para dizer-me que o Presidente desejava que eu fosse com o Padre Chagas ao quartel general do Barão de Caxias, a fim de prosseguirem as negociações de paz. Respondi que estava pronto e depois de havermos conferenciado com o Presidente, marchamos e hoje temos parado neste ponto, esperando a contestação do Barão, que deve ser o salvo-conduto para nossa entrada no campo imperial. [...]” (p. 141).

O fato de Vicente da Fontoura já ter participado de outras incursões de cunho político com o intuito de “apaziguar” a situação, como por exemplo, quando foi ao Uruguai tratar com Fructuoso Rivera, o qualificavam a esta indicação.

Após a indicação, Vicente da Fontoura é enviado ao Rio de Janeiro, com o objetivo de negociar os termos de acordo que possibilitaria a reintegração pacífica e honrosa do Rio Grande do Sul ao Brasil, além de “trocar” alguns prisioneiros imperiais por farroupilhas, como o mesmo relata em seu Diário (1984):

“Amanhã é minha marcha para o Rio de Janeiro. Devo primeiro ir ao campo do Barão de Caxias para reunir-me com o outro que ele manda de sua parte. Vão comigo uns prisioneiros para serem trocados por outros que estão no campo imperial.” (p. 143-144).

Vicente da Fontoura ficaria na capital imperial, de 12 a 20 de dezembro de 1844, ao retornar ao Rio Grande, Fontoura empreendeu diversas viagens pelos territórios sob controle farroupilha a fim de convencer as lideranças locais e militares a aceitar os termos da Paz. Concluída em 1º de março de 1845, a Paz de Ponche Verde proibiu punições ou retaliações aos líderes republicanos rio-grandenses, concedeu compensações financeiras para o Rio Grande do Sul garantiu a emancipação de todos os escravos que serviram no Exército Rio-Grandense, (LAYTANO, 1983).

Com o fim da Revolução Farroupilha, Vicente da Fontoura voltou a dedicar-se ao comércio e à política local em Cachoeira, onde permaneceria até o final de seus dias em 1860.

O homem que pertence à sua família, pertence também integralmente a sua Pátria de tal maneira estes dois vocábulos se completam e se ampliam nos corações bem formados. (ANTUNES, 1935, p. 139).

Há alguns anos Vicente da Fontoura já planejava sua volta para Cachoeira, o desgaste da Revolução Farroupilha já havia tomado o comerciante que contava as horas de seu retorno a sua terra. Uma das cartas escritas a sua esposa Clarinda, do dia 19 de fevereiro de 1844, presente em seu Diário (1984), deixa clara a saudade da esposa e dos filhos:

Oh! Bem-aventurado o mortal que, entregue só a seus domésticos deveres, jamais encetou a carreira publica e, incontaminado da comum solidez, tem

nos afagos da esposa e nos meigos sorrisos dos filhos, o premio do trabalho do dia. Em breve, em breve eu gozarei deste prazer divino; eu enxugarei as tuas lágrimas para sempre, e a cruel ausência não nos dará mais um minuto de angustia. Adeus, etc. (p. 46-47).

Vicente da Fontoura, mesmo tendo escrito que pretendia estar perante sua família e cuidar apenas de seus negócios, ao retornar a Cachoeira seguiu mais uma vez o caminho político, e pouco tempo depois, junto de seu cunhado Portinho, tornaram-se os idealizadores do Partido “Luzia” ou Liberal em Cachoeira, que combatia o Partido “Saquarema” ou Conservador.

Durante muitos anos Vicente da Fontoura e seu cunhado Portinho lutaram para que o Partido “Luzia” vencesse as eleições em Cachoeira, o que viria a ocorrer no ano de 1860. Durante as eleições de 1860 na paróquia de Cachoeira, após uma briga generalizada entre militantes dos Partidos “Luzia” e “Saquarema”, Vicente da Fontoura é assassinado a facadas por um escravo liberto. Ao final das eleições, após a apuração dos votos, o Partido Luzia saiu vencedor, porém, agora sem um de seus principais idealizadores teve seu comando assumido por Portinho, que assim o fez até o final de seus dias.

Hoje, Antonio Vicente da Fontoura e Portinho, repousam juntos no mesmo jazigo, no Cemitério de Nossa Senhora da Conceição, em Cachoeira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Paranhos. **Antônio Vicente da Fontoura**. Porto Alegre: Globo, 1935.

CARRION, Raul K. M. Os lanceiros negros na Guerra dos Farrapos. In: **Ciências e Letras** nº 37, jan. 2005. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação.

FAGUNDES, Rosicler Maria Righi. **Esfaqueamento no púlpito: o comércio e suas elites em Cachoeira do Sul na segunda metade do séc. XIX (1845-1865)**. São Leopoldo, RS: 2009. 159p. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2008.

FONTOURA, Antonio Vicente da. **Diário**. Porto Alegre: Sulina/Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. O Rio Grande de São Pedro e a fronteira no espaço platino na primeira metade do século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23,

2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História** – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005.

LAYTANO, DANTE. **A História da República Rio-Grandense**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1983.

LEITMAN, Spencer Lewis. **Raízes sócio-econômicas da guerra dos farrapos: um capítulo da História do Brasil no século XIX**. Rio de Janeiro, edições Graal, 1979.

MARQUES, Letícia Rosa. “**Entre Soldados e Ministros: A participação de negros e mulatos na Revolução Farroupilha (1835-1845)**”. Santa Maria: Curso de História, UFSM, 2010. (Trabalho de conclusão de Graduação).

MOTA, Antônia da Silva. **As Famílias Principais: redes de poder no Maranhão colonial**. São Luís: Edufma, 2012.

PADOIN, Maria Medianeira. **O federalismo no espaço fronteiro platino**. A Revolução Farroupilha (1835-45). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação de História da UFRGS. Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. **O federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PICCOLO, HELGA I.L. **A política rio-grandense no II Império**. Porto Alegre: UFRGS, 1974.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRADO, Maria Ligia. **A Formação das Nações Latino-americanas**. 2ª ed. Campinas: Atual/Editora da Unicamp, 1986.

ROSA, Othelo. **Vultos da Epopeia Farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935.

S. LOPES, Aparecida de; ORTELLI, Sara. **Fronteiras americanas: entre interações e conflitos, séculos XVIII-XX**. Estudos de História, Franca, v. 13, n. 2, p. 13, 2006.

SOUZA, Susana Bleil. A fronteira “gaúcha” e a intermediação regional no porto de Montevidéu no início do século XX. RILA. **Revista de Integração Latino-Americana**. Universidade Federal de Santa Maria. Volume I. 2º Semestre de 2008. ISSN: 1679-592X.

VASCONCELOS, H.P. **Uruguay-Brasil. Comercio e Navegação 1851- 1927**. V.1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

### Fontes Documentais

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Anais**, Coleção Varela, vol. 12, Porto Alegre, 1998.